



O NÃO EM FORMAÇÕES NOMINAIS NO *CONTINUUM* RADICAL-AFIXO

NÃO IN NOMINAL FORMATIONS IN THE RADICAL-AFFIX *CONTINUUM*

*Pâmella Alves Pereira*¹

RESUMO

Neste artigo, retomamos o estudo das formações portuguesas em que há anteposição do elemento **não** a um nome como *não fiel*, *não sócio* e *não pagamento*. Entendendo essas construções na representação proposta por Booij (2005), a questão que nos colocamos é se o esquema seria [não [X]i]i ou [[não]adv [X]i]i, isto é, o **não**, nessa construção, seria radical ou prefixo? A proposta foi inserir o **não** em um *continuum* afixo-radical (Baker, 2000 e Ralli, 2007) conforme suas propriedades estruturais, fonológicas e semânticas quando na construção **não** + **nome**. Para isso, elencamos as características de prefixo e radical prototípicos e estabelecemos uma escala na qual o **não** pode ser inserido. Assim, apontamos um indício de que o **não** referente a nomes no português com sentido de negação/oposição, como *não sócio*, *não verbal*, e também com sentido de falta/ausência, como *não pagamento*, *não realização*, estaria, no *continuum* radical-afixo, mais próximo a prefixo.

Palavras-chave: Morfologia; Não + nome; Radical; Afixo; *Continuum*

ABSTRACT

In this paper, we resume the study of Portuguese formations in which there is a preposition of the element **não** to a nominal as *não fiel*, *não sócio* and *não pagamento*. Understanding these constructions in the representation proposed by Booij (2005), the question we ask is whether the scheme would be [não [X]i]i or [[não]adv [X]i]i, that is, **não**, in this construction, would it be radical or prefix? The proposal was to insert **não** into an affix-radical *continuum* (Baker, 2000 and Ralli, 2007) according to its structural, phonological and semantic properties when in the construction **não** + **nominal**. For this, we list prototypical radical and prefix characteristics and establish a scale in which **não** can be inserted. Thus, we point to a indication that **não** referring to nominals in Portuguese with a sense of negation/opposition, such as *não sócio*, *não verbal*, and also with a sense of lack/absence, such as *não pagamento*, *não realização*, would be, in the radical-affix *continuum*, closest to prefix.

Keywords: Morphology; Não + noun; Radical; Affix; *Continuum*

1 Professora da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - PPGLEV/UFRJ, pamellaalvespereira@gmail.com

Introdução

Neste trabalho, retomamos o estudo das formações em português em que há a anteposição do elemento **não** a uma base nominal como *não fiel*, *não sócio* e *não pagamento*. O **não** anteposto a nomes apresenta características que não permitem uma classificação imediata de seu estatuto gramatical: trata-se de uma forma livre no português, mas bastante recorrente na formação de palavras. A estrutura **não + nome** foi abordada por diferentes autores em análises que ora o classificam como prefixo (ALVES, 1992, 1993; CAMPOS, 2002, 2004; PANTE e MENEZES, 2003; JACOB, 2010, BASILIO, 2000); ou como prefixoide (SANDMANN, 1989), ora como membro de um composto morfológico (PEREIRA, 2006; PEREIRA, 2012), ora como um composto sintático (SILVA e MIOTO, 2009; PEREIRA, 2012).

Vale destacar o que nos apresentam Duarte (1999), Basilio (2000) e Pereira (2012). Duarte (1999) reconhece o **não** como elemento adverbial formador de palavras no português quando anteposto a substantivos e adjetivos, excluindo os casos em que os substantivos ou adjetivos são marcados por foco,

Há uma nítida pausa entre não e o adjetivo ou substantivo, a qual nos autoriza encarar o elemento de negação como independente do item nominal:

Cristo pregou não PAZ

Os discípulos são muitas vezes não APLICADOS.

Construções como estas acima se ligam ao problema do foco e da pressuposição. Diante delas, o alocutário sente necessidade de informações suplementares, como as que se verificam abaixo:

Cristo pregou não PAZ, mas DISSENSÃO.

Os discípulos são muitas vezes não APLICADOS, mas ACOMODADOS. (DUARTE, 1999, p. 69)

e exclui também os casos em que o **não** se antepõe a participios em orações desenvolvidas ou reduzidas em que ocorre o apagamento do verbo de cópula.

Não veicula negação sintática, em orações desenvolvidas na voz passiva, com verbo de cópula elíptico:

Embora não ignoradas, estas questões foram relegadas a segundo plano.

Quando não revisado, o trabalho pode apresentar erros.

Creemos ser igualmente necessário considerar as orações reduzidas de participio, em que o elemento participial é acompanhado por não, de negação sintática:

Não iniciado no horário previsto, o espetáculo foi cancelado. (DUARTE, 1999, p. 68)

O autor, portanto, não segue exatamente as demais análises do **não** como prefixo/prefixoide, radical ou negação sintática, reconhece-o como formador de palavras e aponta para uma necessidade de mais estudos sobre esse objeto.

Basilio (2000) considera situações em que o **não** pode ser caracterizado como formativo lexical, como nos casos em que ele “se combina com adjetivos, na formação de adjetivos de classificação binária, como em não-alinhados (países), não-saturadas (gorduras), não-contáveis (substantivos), não-euclidiana (geometria) não-arredondadas (vogais), etc.” (BASILIO, 2000, p. 12) e nos casos em que o **não** “se combina com substantivos que têm referente humano, agente ou afetado, de modo que o todo apresenta uma função designadora de seres, como em não-fumantes, não-sócios, não-pagantes, não-agressor, etc” (BASILIO, 2000, p. 13). A autora também reconhece uma situação em que, embora o **não** se relacione a nomes, seu uso tem escopo sintático, como em *não pertinência*, *não participação* e *não operacionalidade* (exemplos extraídos de Basilio, 2000, p. 13).

Casos como os acima sugerem que devemos considerar que o escopo do advérbio não inclui não apenas verbos, mas também nominalizações de verbos; dada a possibilidade de ocorrência aberta de casos de negação do fato verbal em forma nominalizada, assim como o caráter predicativo de tais ocorrências, a análise de não nesses casos como prefixo ou formador de composto não se sustenta. (BASILIO, 2000, p. 13)

Pereira (2012) apresenta dois tipos de estrutura de **não + nome**: uma mais opaca, localizada no nível morfológico (KIPARSKY, 1982), como *não abertura*, *não aumento*, em que o **não** constituiria um prefixo composicional (SCHWINDT, 2000), e outra mais transparente que estaria no nível pós-lexical (composto sintático, segundo Silva e Miotto, 2009), como *não fiel* e *não sócio*, por exemplo. O critério utilizado para avaliar a opacidade/transparência das formações com o **não** foi a concordância negativa, isto é, o licenciamento de uma palavra negativa após a formação, como parece ocorrer em (1) *Indivíduo não fiel a ninguém* e (2) *Os não sócios de nenhum dos clubes*. Em *não aumento* e *não abertura*, em contextos como (3) **A não abertura de nenhum edital* ou (4) **O não aumento de nenhum índice*, a concordância negativa parece ser menos aceita por falantes do português, conforme testes e análises feitas por Pereira (2012). Por esse motivo, a autora entendeu que formações **não + nome**, como as em (1) e (2) acima, seriam compostos sintáticos, com o verbo *ser* elíptico entre o **não** e o nome; e as em (3) e (4), seriam compostos morfológicos, por estarem menos visíveis para as operações sintáticas.

O que se observa em Duarte (1999), Basilio (2000) e Pereira (2012) são análises bastante diferentes, até opostas, digamos, mas que apontam para a mesma direção no sentido de reconhecer que a construção **não + nome** apresenta tipos distintos que levam a classificações distintas do **não**. Nesse sentido, partindo desse ponto, entendemos que nem toda construção **não + nome** pode ser analisada da mesma forma. Então, assim como Duarte (1999), excluiremos as estruturas em que o **não** se antepõe a participios em orações reduzidas e também os casos em que os substantivos ou adjetivos são marcados por foco.

Optamos por manter as formações **não + adjetivo** e **não + substantivo**, seja este uma nominalização ou não, entre os casos de **não + nome** que serão objeto de nossa análise. Segundo Basilio (2000), o **não** não é um formativo vocabular nos casos em que ele se refere a uma nominalização. Conforme o argumento da autora, o **não** referente a uma nominalização (*não pagamento, não realização*) é a mesma negação de uma estrutura sintática, e a construção **não + substantivo deverbal** é utilizada para substituir todo um período, por isso, e considerando a possibilidade de ocorrência aberta, a autora não inclui esses casos de ocorrência do **não** como formativo lexical. Argumento semelhante pode ser aplicado em formações como *não sócio* e *não alinhado*: a opção pela construção **não + nome** pode ser entendida como uma substituta para uma estrutura sintática com verbo *ser/estar* entre o **não** e o nome, ou seja, o **não** pode ser analisado também como uma negação sintática nesses casos (*não sócio* → *não é sócio* / *não alinhado* → *não é/está alinhado*), mas, apesar disso, Basilio (2000) mantém esses casos entre aqueles em que o **não** seria um formativo lexical. Entendemos, no entanto, que o fato de o **não** anteposto a adjetivos e a substantivos ser bastante produtivo no português, aliado ao significado mais geral de negação atribuído pelo **não** à base a que ele se adjunge, permite que interpretemos, a princípio, a construção **não + nome** (excluindo os casos citados acima) como uma formação morfológica. Podemos apreender a estrutura **não + nome** como uma construção que, apesar de estar bastante próxima de uma construção sintática, com verbo elíptico ou nominalizado, ou mesmo visível para certas operações sintáticas, como o caso da concordância negativa testada por Pereira (2012), ela se apresenta na língua em um esquema que segue um padrão regular, com um elemento fixo - o **não** - seguido de uma palavra que pode ser um adjetivo ou um substantivo. Esse esquema, produtivo e recorrente, pode ser entendido, na proposta da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005; 2010), como uma construção parcialmente especificada que compõe o léxico do português.

A proposta deste artigo, então, é revisar alguns trabalhos sobre o **não** em formações nominais, especificamente os trabalhos de Duarte (1999), Basilio (2000), Jacob (2010) e Pereira (2012) para, a partir daí, estabelecer uma análise do estatuto morfológico do **não** nesse tipo de construção no português. Esta análise seguirá o que Gonçalves (2012) e Gonçalves e Andrade (2016), apoiados em Kastovsky (2009), Baker (2000) e Ralli (2007), demonstraram sobre o *continuum* derivação-composição. A ideia é tentar inserir o **não** em um *continuum* afixo-radical conforme forem suas propriedades estruturais, fonológicas e semânticas quando na construção **não + nome**.

Este texto se organiza da seguinte forma: na próxima seção, apresentaremos algumas considerações gerais sobre radical e afixo (prefixo), seguindo a abordagem da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005; 2010) e listaremos os principais critérios que caracterizam uma composição e uma derivação prototípicas. Em seguida, a partir dos critérios listados na seção anterior, faremos uma análise do **não** nas construções do tipo **não + nome**, para, assim, inserirmos o **não** ao longo da escala do *continuum* radical-afixo.

Radical e afixo, composição e derivação

De acordo com a definição de Bloomfield (1926, p. 27) para forma livre e forma presa, os afixos encontram-se entre as formas presas que, diferentemente das formas livres, não funcionam como comunicação suficiente, ou seja, funcionam apenas quando associados a outro elemento. O prefixo seria, portanto, um constituinte de palavras, opondo-se ao radical. Este, por sua vez, pode ser uma forma livre, como *flor* ou como *beija* (em *beija-flor*) ou, ainda, uma forma presa, como *lique-* (em *liquefazer*). Observa-se, assim, que somente o estatuto de forma presa não é suficiente para distinguir um afixo de um radical.

Na proposta de Basilio (1989), o processo de prefixação envolve uma estrutura que consiste em um afixo anteposto a uma base, sendo esse afixo um elemento estável e com função semântica determinada, como o prefixo *pré-* em *pré-fabricado*, que indica a ideia de anterioridade; e o prefixo *re-*, em *reler*, que indica a ideia de repetição.

Em outra obra, Basilio (1974) apresenta os conceitos de núcleo e periferia:

racionalização: racionaliza- = núcleo / -ção = periferia

racional: racion- = núcleo / -al = periferia

Conforme sua análise, um composto seria uma formação com a presença de, pelo menos, dois núcleos, e a derivação seria uma formação com apenas um núcleo cercado de elemento(s) periférico(s). O núcleo mínimo é também chamado raiz e, para definir raiz, Basilio apresenta os seguintes critérios operacionais:

1o - São raízes os elementos mórficos passíveis de ocorrência isolada.

2o - São raízes os elementos que servem de base para a formação de derivados.

Assim, um prefixo não poderia atender a esses critérios, uma vez que prefixos, como qualquer afixo, são periféricos, enquanto as raízes são núcleos.

A breve discussão acima aponta para a dificuldade de se distinguir prefixação e composição como processos morfológicos distintos. Booij (2005) defende a ideia de que composição e prefixação são processos semelhantes e afirma:

The strong similarity between derivation and compounding can be insightfully accounted for in the theory of Construction Morphology. Derivational patterns and sub-patterns of compounding are constructional idioms, schemas that are intermediate between the individual complex words in the lexicon, and more abstract schemas of word formation. An additional advantage of this approach is that it can be easily extended to the analysis of productive multi-word combinations that function as lexical units such as particle verbs and phrase-like compounds. (BOOIJ, 2005, p. 8)

Nesse sentido, a partir dessa formalização por meio de esquemas gerais de formação proposta por Booij (2005) para análise das unidades linguísticas, Gonçalves e Almeida (2012) adaptaram a representação original de Booij (2005) dos padrões morfológicos - composição, sufixação e prefixação - à morfologia do português. Vejamos os esquemas:

- a. composição: [[X]x[Y]y]s
- b. Sufixação: [[X]xY]y
- c. Prefixação: [X[Y]y]y

Nesses esquemas, X e Y são variáveis que representam sequências fonológicas, e os subscritos x e y representam as categorias lexicais. No esquema geral das palavras compostas no português, cada constituinte apresenta uma etiquetagem lexical e, independente da categoria lexical de cada item, o composto será um substantivo, como [[guarda]V [chuva]S]S, [[cachorro] S [quente]A]S. No esquema da prefixação, observamos que a classe gramatical da palavra prefixada é idêntica à da sua base, como em [in- [feliz]A]A, [re- [fazer]V]V. Para Booij (2005, p. 13), [t]he difference between compounding and derivation is that in derivation one of the constituents does not have a lexical label since it does not correspond to a lexeme.”

Vale salientar que

No modelo construcionista de Booij (2010), a palavra, centro das investigações, é marcada como um índice subscrito (i, j) que a identifica no léxico. Os afixos, ao contrário, por serem formas presas, não são indexados, uma vez que só se realizam quando vinculados a uma construção (a palavra, nesse caso). Desse modo, em modelos baseados em palavras, como a Morfologia Construcional de Booij (2010), ‘os afixos não são as unidades analisadas, mas atuam na instanciação de novos itens através de construções ou esquemas’ (Castro da Silva, 2012:42) (GONÇALVES, 2016, p. 47)

Nesse sentido, entendendo as construções com **não** referente a nomes no português na representação proposta por Booij (2005), a questão que nos colocamos, aqui, é se o esquema seria [não [X]i]i ou [[não]adv [X]i]i, isto é, o **não**, nessa construção, seria um radical ou um prefixo? Sabemos que o **não** é uma forma livre, o que o distancia dos prefixos prototípicos, mas também sabemos que essa construção é produtiva e recorrente no português (PEREIRA, 2012), e que o **não**, advérbio que expressa uma circunstância de negação, tem similaridades com prefixos na língua. Diante dessas características, e de outras que serão mencionadas ao longo deste trabalho, acreditamos ser mais interessante a análise do **não** nessas construções em um *continuum* radical-afixo. Para isso, serão arroladas as características de um prefixo e um radical prototípicos para, assim, estabelecermos uma escala na qual o **não** da construção **não + nome** será inserido.

Sobre o que caracteriza um prefixo prototípico, lanço mão do que Gonçalves (2012) apresenta:

os prefixos, ao contrário dos sufixos, (a) não modificam a classe das palavras a que se adjungem, isto é, não constituem cabeça categorial da palavra derivada; (b) não atribuem gênero, ou seja, não são cabeças morfológicas; (c) contribuem com um significado não-nuclear na palavra complexa (não são cabeças semânticas); (d) vinculam-se a palavras, exclusivamente; (e) não modificam o acento da base e têm autonomia fonológica, projetando uma palavra prosódica própria (os prefixos chamados posicionais, mais numerosos na língua); (f) submetem-se ao processo de truncamento, podendo ser utilizados como formas livres, por metonímia; (g) atualizam significados mais largos (têm menor densidade semântica), e, por fim, (h) não são utilizados com finalidades expressivas, ou seja, são desprovidos de função discursiva. (GONÇALVES, 2012, p. 156)

Sobre um radical, podemos falar, em termos gerais, que se trata de um elemento que concentra a significação dos vocábulos formais e que pode, “por si só, constituir a base de uma palavra.” (BASILIO, 1989, p. 13). Seria a sequência fônica presente em todas as formas de uma mesma palavra, isto é, a parte da palavra comum às variações de flexões. O radical, no esquema proposto por Booij (2005), recebe sempre uma etiquetagem lexical.

Em Gonçalves e Andrade (2016), os autores apresentam um quadro com as principais diferenças entre composição e derivação. Esse quadro se constitui de critérios que ajudam a determinar as características de afixos (derivação) e radicais (composição) mais prototípicos. Vejamos:

Quadro 1: Principais diferenças entre composição e derivação

		Composição	Derivação
Unidades	A	Palavras ou radicais	Afixos
	B	Formas livres ou presas que correspondem a palavras	Formas presas que não correspondem a palavras de conteúdo
	C	Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra	Unidades definidas por uma posição pré-determinada numa palavra complexa (à esquerda ou à direita)
	D	As unidades combinam com uma grande variedade de tipos morfológicos	Sufixos combinam predominantemente com radicais; prefixos combinam exclusivamente com palavras
Propriedades estruturais	E	A cabeça lexical fica à esquerda, predominantemente	Cabeça lexical sempre à direita
	F	Possibilidade de coordenação entre os constituintes	Não há possibilidade de coordenação
	G	Por expressar ideias mais específicas, há um grande contingente de unidades linguísticas	Por expressar ideias mais gerais, há um número relativamente pequeno de unidades linguísticas
	H	Caracterizam um inventário aberto	Caracterizam um inventário fechado
	I	Possibilidade de flexão entre os constituintes	A flexão é sempre periférica
	J	Unidades com acento próprio	Partículas que recebem acento apenas na combinação com a base
Propriedades fonológicas	L	Ausência de isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica	Isomorfismos entre palavra morfológica e palavra fonológica
	M	Manutenção de propriedades segmentais e prosódicas das bases	Mudança na base pela aplicação de regras fonológicas cujo domínio é a palavra fonológica
	N	As unidades expressam significado lexical	As unidades atualizam conteúdos semânticos mais gerais, capazes de combinação com um número maior de formas linguísticas
Propriedades semânticas	O	Interpretação frequentemente holística	Interpretação quase sempre composicional
	P	Pode ser endocêntrica ou exocêntrica	Massivamente endocêntrica
	Q	Menos estável porque o significado dos elementos geralmente muda por extensões metafóricas ou metonímicas	Mais estável, apresentando funções sintáticas e semânticas predeterminadas, definindo os possíveis usos e significados de palavras derivadas
Produtividade e produção	R	Constrói conjuntos mais fechados de palavras (ad hoc)	Constrói conjuntos mais completos de palavras (mais regular)
	S	Apresenta muitas formas manufaturadas	Cria séries de palavras mais naturalmente

Fonte: Gonçalves e Andrade (2016, p. 265)

Na seção seguinte, faremos uma análise do **não** na construção **não + nome** a partir das características apresentadas no quadro 1 acima. Com base na literatura sobre o **não** nesse tipo de formação, partimos do pressuposto de que as construções **não + nome** não se enquadram como prefixação nem como composição prototípicas. Assim, pretendemos mostrar como os casos de **não** anteposto a nomes no português se aproximam ou se distanciam de uma derivação e como essa construção se aproxima ou se distancia de uma composição.

O não em formações nominiais no português

Com base em Duarte (1999), Basilio (2000) e Pereira (2012), vimos que nem toda construção **não + nome** é do mesmo tipo. Nesse sentido, assim como Duarte (1999), excluiremos das construções em análise os casos em que o **não** se antepõe a participios em orações desenvolvidas ou reduzidas com apagamento do verbo de cópula, e também os casos de **não** seguido de substantivos e adjetivos marcados por foco. Consideraremos neste estudo as construções **não + adjetivo** e **não + substantivo**, seja este substantivo deverbal ou não. Vale acrescentar que também excluiremos a construção *não obstante*, que, a princípio, estaria entre os casos de **não + adjetivo**, mas, conforme Pereira (2012) e Viegas e Pereira (2011; 2017), trata-se de locução conjuntiva com valor adverbial ou concessivo, que segue uma trajetória de gramaticalização no português.

Passemos, então, para o quadro 1. Inicialmente, o critério (A) estabelece nossa questão central: o **não** nas construções **não + nome** é um radical ou um prefixo? Não pretendemos chegar a uma resposta categórica, do tipo “tudo ou nada”, mas sim, como já foi mencionado, apontar, num *continuum* afixo-radical, em que ponto da escala o **não** se encontraria.

Conforme o critério (B), uma composição se caracteriza por apresentar formas livres ou presas que correspondem a palavras, enquanto na derivação há formas presas que não correspondem a palavras de conteúdo. Como vimos, uma composição pode ter dois radicais livres, como *beija-flor*, ou radicais presos, como *lique-*, em *liquefazer*. Além disso, existem certos elementos que são reconhecidos como prefixos, frequentemente presentes na formação de palavras, mas que também são considerados radicais, tal como o *contra* em *contra-acusação*, *contra-ataque*. A palavra *contra* pode ser classificada como preposição, existe independente na língua e serve de base para a formação de outras palavras, como em *contrário*. Assim, a preposição *contra*, considerada um radical, seria o mesmo *contra-* recorrente na formação de palavras? Sandmann (1989) prefere analisar o *contra-* recorrente na formação de palavras como prefixoide, assim como também seriam analisadas as formas *bem-*, *mal-* e *não-* em *bem-aventurado*, *mal-amado* e *não-sócio*, por exemplo. Segundo Sandmann, essas formas não são radicais quando fazem parte da formação de palavras por desempenharem uma função distinta daquela desempenhada como forma livre, ou seja, para o autor, trata-se de duas formas que apresentam significantes iguais, mas funções diferentes.

De fato, o que temos, é que ser forma livre ou forma presa não é suficiente para distinguir radical e afixo. E o **não**, em formações do tipo **não + nome**, é uma forma livre.

Quanto ao critério (C), podemos afirmar que o **não** em construções **não + nome** ocupa uma posição pré-determinada, sempre à esquerda de um adjetivo ou substantivo, tal como um prefixo. Na negação verbal, o **não** não é fixo, podendo aparecer antes e/ou depois do verbo, como em (5) *Ele não fez o trabalho*. (6) *Ele fez o trabalho não*. (7) *Ele não fez o trabalho não*. Nas construções do tipo **não + nominalização**, ainda que o nome tenha uma relação com um verbo e haja, conforme Basilio (2000), a possibilidade de ocorrência aberta de casos de negação do fato verbal em forma nominalizada, o **não** ocorre sempre à esquerda da nominalização, como em *não pagamento*, *não realização*, *não aumento*.

Considerando os critérios (D) e (E) na análise da construção **não + nome**, constatamos que o **não** se combina sempre a uma palavra, tal como os prefixos (critério D) e, quando carrega a noção de negação/oposição, própria do advérbio e típica de um prefixo, as construções **não + nome** têm cabeça lexical sempre à direita (critério E).

Prefixos jamais funcionam como cabeças semânticas porque seus significados assemelham-se aos veiculados por

(a) adjetivos, já que contribuem para qualificar/caracterizar a entidade referida pela base, como em ‘sub-humano’, ‘minimercado’ e ‘mega-emprego’;

(b) advérbios, pois servem para expressar a circunstância que cerca a significação da base, aqui entendida como qualquer particularidade que determina um fato, ampliando a informação nele contida, a exemplo de ‘recompor’, ‘ante-sala’, ‘pré-natal’ e ‘pós-operatório’; e

(c) preposições, por emprestarem à base a ideia de posição ou movimento no espaço: ‘sobrela’, ‘entressafra’, ‘co-autoria’, ‘intra-venoso’.

Sem dúvida alguma, noções como “posição ou movimento no espaço”, “ausência, negação”, “oposição”, “intensidade” e “repetição”, típicas de prefixos, diferem consideravelmente das veiculadas pelos sufixos, que, embora também possam atualizar conteúdos desse tipo, são, nos termos de Ralli (2010), mais densos semanticamente (GONÇALVES, 2012, p. 150)

Na análise de Pereira (2012), as construções **não + substantivo** são divididas em dois grupos: **não + substantivo deverbais** e **não + substantivo não deverbais**. Sobre o primeiro caso, Pereira (2012) apresenta uma paráfrase do tipo “*o fato de não haver + substantivo*”, por exemplo: *não pagamento* seria equivalente a “*o fato de não haver pagamento*”. Sobre o segundo caso, Pereira (2012) considera dois tipos de paráfrase, uma equivalente a todos os casos de **não + adjetivo**, com inserção dos verbos *ser/estar* entre o **não** e o nome (*não sócio* → *não é sócio*; *não membro* → *não é membro*) e outra paráfrase equivalente aos casos de **não + substantivo deverbais** (*não familiaridade* → *o fato de não haver familiaridade*). Dessa forma, o **não**, nas formações **não + adjetivo**, carrega sempre o sentido de negação/oposição, como *não fiel*, *não verbal*, *não comercial*. Em **não + substantivo** há diferentes sentidos para o **não**: há casos em

que o **não** tem sentido de negação/oposição, como *não sócio* e *não membro*, e há casos em que o **não** carrega o sentido de falta/ausência, como em *não familiaridade* e *não pagamento*.

Essa polissemia não deixa de ser uma característica de afixos, como o que se observa, por exemplo, sobre o *des-*, que apresenta, além da negação (*desleal*), outros sentidos, tais como ação contrária (*desaceleração*); aumento/intensidade (*desgastados*); positividade (*descobrimento*); separação (*descolamento*); transformação (*desfigurado*); destruição (*desmatamento*) e falta de harmonia (*desequilíbrio*) (SCHNEIDER, 2008). A questão que nos colocamos é se a diferença sintática que se verifica nas formações **não + nome** interfere no estatuto morfológico do *não*. Essa análise é assunto para pesquisas futuras sobre as construções com o **não**.

Passemos para o critério (F), que trata da possibilidade de coordenação entre os constituintes. Na coordenação de palavras derivadas de afixos idênticos e bases diferentes (como *infeliz* e *incapaz*, por exemplo), ou de afixos diferentes com bases idênticas (como *livreiro* e *livraria*, por exemplo), nem afixos nem bases podem ser apagados. Ou seja, *infeliz e/ou incapaz* não equivale a *infeliz e/ou capaz* (apagamento do prefixo); *livreiro e/ou livraria* não equivale a *livreiro e/ou aria* (apagamento da base).

Entretanto, outros afixos admitem exclusão, sem restrição de direcionalidade, na coordenação binária e/ou n-ária de termos derivados, prefixados ou sufixados, a exemplo dos listados em (06), em que os elementos apagados exercem função sintática e semântica idênticas aos remanescentes, condição necessária à coordenação:

(06) pré-operatório e/ou pós-operatório => pré e/ou pós-operatório; pró-presidente e/ou anti-presidente => pró e/ou anti-presidente; timidamente e/ou sensivelmente => tímida e/ou sensivelmente (GONÇALVES e ANDRADE, 2016, p. 271)

Quanto à construção **não + nome**, se partirmos de um exemplo como *não verdadeiro e/ou não fiel*, não teremos coordenação dos constituintes em *não verdadeiro e/ou fiel*. No entanto, em Pereira (2012), há a seguinte constatação a respeito do *nem* e das formações **não + nome**:

O NEM com função de conjunção coordenada aditiva poderia ser interpretado como e não ou como e não + (verbo da oração anterior). Assim, uma estrutura como *não americano nem europeu* pode ser equivalente a *não é americano e não (é) europeu*, ou seja, o NEM implica a existência de um verbo entre o NÃO e adjetivo AMERICANO para que haja o paralelismo sintático na estrutura em questão. (PEREIRA, 2012, p. 47)

Assim, se os termos forem coordenados pela partícula *nem*, que já apresenta a ideia de negação, parece haver uma coordenação possível: *não verdadeiro nem não fiel* → *não verdadeiro nem fiel*. Essa possibilidade parece estar mais relacionada ao **não** e à construção **não + nome** do que à ideia de negação do **não** e do *nem*. Vejamos: *infiel nem incapaz* → *infiel nem capaz*. Nesse caso com o prefixo *in-*, que também carrega a ideia de negação, a coordenação não parece ser possível.

O critério (G) diz que os radicais, por expressarem ideias mais específicas, há um grande contingente de unidades linguísticas; já os afixos, por expressarem ideias mais gerais, há um número relativamente pequeno de unidades linguísticas. Conforme nos apresenta Gonçalves (2012),

prefixos e sufixos igualmente formam séries de palavras, contribuindo, assim, para a criação de vários itens lexicais que se relacionam morfológica e semanticamente, isto é, apresentam um significado em comum, associado a uma sequência que compartilham na posição inicial ou final. Segundo Sandmann (1989: 37-38), a capacidade de o prefixo expressar noções mais gerais, além de responsável pela sua elevada produtividade, é o que, indiscutivelmente, os distingue de radicais/palavras, unidades da composição, já que estes, em geral, veiculam ideias mais particulares e, nas formas complexas de que participam, tendem a não aparecer em séries de palavras, numa margem específica. (GONÇALVES, 2012, p. 158)

Sobre a construção **não + nome**, o **não** é recorrente e associado a uma base nominal. Verifica-se, nesses casos, uma formação em série (critério S). Essa recorrência é, inclusive, argumento de Alves (1993) para a classificação do **não** como prefixo nesse tipo de formação. A noção expressa pelo **não** (negação/oposição) nas formações **não + adjetivo** e em algumas formações **não + substantivo** parece ser mais geral e comum (critério N). Seria uma interpretação mais endocêntrica (critério P) e não haveria, para essas construções, uma interpretação dependente de extensões semânticas ou metonímicas, como em típicas formações compostas (critério Q).

Na pesquisa de Jacob (2010, p. 65) sobre as formações a partir de **não** anteposto a nomes, a autora menciona, além dos casos de **não** anteposto a adjetivos e substantivos com sentido de negação/oposição, também casos estilísticos, que seriam criações literárias ou jornalísticas com significados construídos de forma mais abstrata. Os sentidos do **não**, nesses casos estilísticos, flutuariam entre as acepções pseudo, anti- ou contra. Jacob cita como exemplos desses casos estilísticos:

a) Agora que já passou a onda maior, podemos reler e avaliar o que Ricupero disse no ar, ou melhor, o que não disse no ar ou, melhor ainda, o que disse no não-ar. (par=Ilustrada-94a-nd-1)

b) Porque os são-paulinos do Santos é que colaboraram: o Gilberto colaborou com o gol e o Macedo colaborou com o seu não-gol escandaloso. (par=Esporte-94b-des-1)

c) Se o STF adotar o critério político no julgamento de Collor, se não resistir à pressão da mídia e da opinião que ela plantou na sociedade, teremos a nãoopizza que foi guindada a supremo valor moral da nação. (par=Opinião-94aopi-2) 52

d) A mudança, o não-jeitinho, não estaria levando a nada melhor. (par=Revista-94b-nd-1) (JACOB, 2010, p. 51)

Nas formações em que o **não** apresenta sentido de negação/oposição, ou mesmo naquelas com sentido de falta/ausência, a interpretação da construção **não** + **nome** parece ser feita composicionalmente (critério O), isto é, a partir da soma do significado do **não** e da base a que ele se junta: *não sócio* é o mesmo que aquele que não é sócio; *não pagamento* refere-se ao fato de não haver pagamento. Sobre as formações chamadas por Jacob (2010) de casos estilísticos, o significado parece ser menos estável e mais dependente de um contexto externo à palavra. Trata-se, segundo a autora, de formações mais esporádicas, menos comuns.

Quanto ao critério (I), as formações **não** + **nome** não apresentam possibilidade de flexão entre os constituintes. A flexão é sempre da base a que o **não** se agrega: *não pagamentos*, *não sócia*, *não realizações*.

Vejam, agora, algumas propriedades fonológicas, critérios (L) e (M), para distinção entre composição e derivação na análise da construção **não** + **nome**. Em formações como *não verbal*, *não sócio* e *não pagamento*, isto é, seja o segundo elemento um adjetivo ou substantivo, há sempre, na fala, uma pausa entre o **não** e o nome. Jacob (2010) afirma o seguinte:

Um ponto que desfavorece a defesa da prefixação como classificação plausível é o já citado critério fonológico. A existência na fala de pausa entre o não e o nome que antecede é característica marcante da composição. (JACOB, 2010, p. 46)

Outra característica das formações **não** + **nome** é a preservação do acento presente no elemento **não** (critério J) como acento secundário quando em formações como *não verbal*, *não sócio* e *não pagamento*. Isso significa que, do ponto de vista fonológico, as formações **não** + **nome** em nada diferem de formações compostas como *beija-flor* e *guarda-chuva*. (PEREIRA, 2006). Por outro lado, como o critério da presença/ausência de isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica (critério L), assim como quase todos os critérios apresentados no quadro 1, não são suficientes para distinguir composição e derivação, uma formação **não** + **nome** também apresentaria duas palavras fonológicas da mesma forma que construções de prefixação, como *pré-escola* e *pós-doutorado*.

Diante da análise apresentada acima, em uma comparação com compostos e afixos prototípicos, podemos resumir as características da construção **não** + **nome** no quadro 2 a seguir:

Quadro 2: características da construção de não referente a nomes no português

Critérios	Composto prototípico	Prefixo prototípico	Construção não + nome
Forma livre	sim	não	sim
Posição pré-determinada à esquerda da base	não	sim	sim
Combina exclusivamente com palavras	não	sim	sim
Cabeça lexical à direita	não	sim	sim
Possibilidade de coordenação entre os constituintes	sim	não	não
Flexão sempre periférica	não	sim	sim
Apresenta acento próprio	sim	não	sim
Ausência de isomorfismo entre palavra fonológica e palavra morfológica	sim	não	sim
Expressa ideias mais gerais	não	sim	sim
Interpretação composicional e endocêntrica	não	sim	sim
Formação em série	não	sim	sim

A partir do quadro 2 acima, podemos apontar um indício da posição do **não** quando referente a nomes no português no *continuum* afixo-radical proposto por Baker (2000, *apud* GONÇALVES e ANDRADE, 2016, p. 274). Vejamos:

Afixo ----- não ----- Radical (forma livre)

(em formações nominais)

Considerações finais

Definir o estatuto morfológico do **não** quando em formações do tipo **não + nome** no português não é uma tarefa simples. Trata-se de uma forma livre na língua, mas bastante recorrente na formação de palavras. Por isso, encontramos na literatura a classificação do **não** em construções como *não fiel*, *não sócio* e *não pagamento*, por exemplo, como prefixo, prefixoide, membro de um composto morfológico ou mesmo membro de um composto sintático.

Diante disso, retomamos neste artigo o estudo da construção **não + nome** no português com o intuito de inserir esse **não** em um *continuum* radical-afixo conforme suas propriedades estruturais, fonológicas e semânticas. Para isso, apontamos características de prefixo e radical prototípicos e estabelecemos uma escala na qual o **não** pode ser inserido. Essa proposta de análise nos pareceu mais apropriada tendo em vista o fato de que as categorias morfológicas não apresentam fronteiras bem definidas: há elementos que se encaixam em uma determinada categoria com mais precisão que outros. Sobre as construções **não + nome**, a proposta de analisá-las em um *continuum* se mostra adequada quando nos colocamos diante de formações que apresentam características peculiares que ora aproximam o **não** de um prefixo, ora de um radical.

Assim, considerando o que já se tem na literatura sobre as formações do tipo **não** + **nome**, temos um indício de que o **não** estaria mais próximo de um prefixo, embora ele não seja um prefixo prototípico no português. Ele se aproxima de um radical em três dos onze critérios considerados nesta análise: é uma forma livre, tem acento próprio e há, na construção **não** + **nome**, ausência de isomorfismo entre palavra fonológica e palavra morfológica. Nos demais critérios, o **não** se aproxima de um prefixo: encontra-se em uma posição pré-determinada à esquerda de uma base adjetiva ou substantiva, combina-se exclusivamente com palavras, a construção tem cabeça lexical à direita, flexão sempre periférica, expressa ideias mais gerais, a interpretação é composicional e endocêntrica, há formação em série e não há possibilidade de coordenação entre os constituintes.

Algumas questões sobre o **não** em formações nominiais no português podem, ainda, ser exploradas em pesquisas futuras. Acreditamos ser interessante uma análise mais ampla dos diferentes tipos de construção **não** + **nome**, bem como um estudo mais aprofundado da semântica relacionada a cada tipo de construção.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. Prefixos negativos do português falado. In: ILARI, R. (org.) 1002. *Gramática do português falado*, vol. II. Campinas: UNICAMP. 1992, p.101-109.

ALVES, I. M. Formações prefixais no português falado. In: CASTILHO, A. T. de (org.) 1993. *Gramática do português falado*, vol. III. São Paulo: UNICAMP/FAPESP. 1993, p. 383-398.

BASILIO, M. Em torno da palavra como unidade lexical: Palavras e composições. *Veredas* v. 4, n. 2, p. 9-18 - 2000.

BASILIO, M. Operacionalização do Conceito de Raiz. *Cadernos da PUC*. 15, p. 89-94, 1974.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática. 1989

BAKER, M. On Derivational Asymmetries in Derivational Morphology. In: BENDJABALLAH, S.; DRESSLER, W. U.; PFEIFFER, O. E.; VOEIKOVA, M. D. (eds.). *Morphology 2000: Selected Papers from the 9th Vienna Morphology Meeting*. Amsterdam: John Benjamins. 2000, p. 21-104.

BLOOMFIELD, L. A set of postulates of the science of language. In: *JOOS*, ed. 1957. 1926, p. 26-31.

BOOIJ, G. Compounding and Derivation: evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. et. al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 109-131.

BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CAMPOS, L. S. *A gramaticalização do “não” como prefixo no português brasileiro contemporâneo*. Salvador: UFBA. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, UFBA, Salvador, 2002

CAMPOS, L. S. S. *A Negação prefixal na história da língua portuguesa*. Salvador: 2004 Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, UFBA, Salvador, 2004.

DUARTE, P. M. T. O não formador de palavras em português? *Revista GELNE*, Ano 1, no 2, p. 67-70, 1999.

GONÇALVES, C. A. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.19, n.30, p. 142 - 67, 2012.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. Por uma Ciber morfologia: abordagem morfossemântica dos xenocostituintes em português. In: MOLICA, M. C.; GONZALES, M. (orgs.). *Linguística e ciência da informação: diálogos possíveis*. Curitiba: Appris, 2012, p. 105-127.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E. A instabilidade categoria dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. *Delta*, 32.2, p. 261-294, 2016.

JACOB, L. P. *Novas formações a partir do não- anteposto a nomes e suas controvérsias*. Rio de Janeiro: Puc-Rio. Dissertação de Mestrado. 2010.

KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms classical compounds and affixoids. In: MCCONCHIE R. W.; ALPO, H.; TYRKKÖ, J. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA, Cascadilla Proceedings Project. 2009, p. 1-13.

KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. In: I.-S. Yang (ed.) *Linguistics in the Morning Calm*. Hanshin. Seoul. 1982, p. 3-91

PANTE, M. R.; MENEZES, A. C. O prefixo “não-“: polissemia e produtividade no processo de formação de palavras. *Acta Scientiarum: human and social sciences*, Maringá, v. 25, n. 1, p. 51-57, 2003.

PEREIRA, P. A. “não” em formações nominais no português: morfologização e gramaticalização. Belo Horizonte: UFMG. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

PEREIRA, P. A. *Para uma distinção entre radical e prefixo: será “não-composto” um composto ou um derivado?* Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

RALLI, A. Compounds in Modern Greek. *Rivista di Linguistica*, 4 (1), 2007, 143-174.

SANDBMANN, A. J. A. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor / Ícone Editora. 1989.

SCHNEIDER, L. Identificando algumas acepções do prefixo des-: análises preliminares. *Revista Travessias*. v. 3, n. 2, 2008.

SCHWINDT, L. C. *O prefixo no Português brasileiro: análise morfofonológica*. Porto Alegre: PUCRS. Tese (Doutorado em Letras). Curso de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.

SILVA, M. C. F.; MIOTO, C. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009.

VIEGAS, M. do C.; PEREIRA, P. A. A expressão não obstante: gramaticalização no português. In: VIEGAS, M. do C. (org.) *Minas é plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

VIEGAS, M. do C.; PEREIRA, P. A. Sintatização, semantização e discursivização do não obstante na história do Português. *Gallaecia: estudos de linguística portuguesa e galega*. Cursos e Congressos da Universidade de Santiago de Compostela, n. 242, 2017.